

# Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem

Salud sexual y reproductiva de adolescentes: percepciones de los profesionales en enfermería

Sexual and reproductive health of adolescents: perceptions of nursing professionals

Cómo citar: Sehnm DG, Crespo TTB, Lipinski MJ, Ribeiro CA, Wilhelm AL, Arboit J. Saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. Av Enferm. 2019; 37(3): 343-352. Disponível em: <http://doi.org/10.15446/av.enferm.v37n3.78933>

## 1 Graciela Dutra Sehnm

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Santa Maria (Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4536-824X>  
Correio eletrônico: [graci\\_dutra@yahoo.com.br](mailto:graci_dutra@yahoo.com.br)

**Contribuição:** concepção do projeto, coleta, análise e interpretação dos dados e aprovação final da versão a ser publicada.

## 2 Bruna Tarasuk Trein Crespo

Universidade Federal do Pampa Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4050-5076>  
Correio eletrônico: [brunatarasuk@hotmail.com.br](mailto:brunatarasuk@hotmail.com.br)

**Contribuição:** concepção do projeto, coleta, análise e interpretação dos dados e aprovação final da versão a ser publicada.

## 3 Jussara Mendes Lipinski

Universidade Federal do Pampa (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3907-0722>  
Correio eletrônico: [jussaralipinski@gmail.com](mailto:jussaralipinski@gmail.com)

**Contribuição:** concepção do projeto, coleta, análise e interpretação dos dados e aprovação final da versão a ser publicada.

## 4 Aline Cammarano Ribeiro

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Santa Maria (Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3575-2555>  
Correio eletrônico: [alinecammarano@gmail.com](mailto:alinecammarano@gmail.com)

**Contribuição:** análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada.

## 5 Laís Antunes Wilhelm

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Santa Maria (Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6708-821X>  
Correio eletrônico: [laiswilhelm@gmail.com](mailto:laiswilhelm@gmail.com)

**Contribuição:** análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada.

## 6 Jaqueline Arboit

Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Santa Maria (Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil).  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6610-5900>  
Correio eletrônico: [jaqueline.arboit@hotmail.com](mailto:jaqueline.arboit@hotmail.com)

**Contribuição:** análise e interpretação dos dados, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada.



## Resumo

**Objetivo:** conhecer como é percebida e abordada a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes pelos enfermeiros na atenção primária à saúde.

**Materiais e métodos:** estudo qualitativo do tipo descritivo, realizado no primeiro semestre de 2018. Participaram nove enfermeiros vinculados às Estratégias Saúde da Família de um município do sul do Brasil. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e os dados foram estudados segundo a análise de conteúdo temática.

**Resultados:** evidenciou-se que persiste uma visão reducionista sobre a saúde sexual e reprodutiva na atenção primária à saúde. As estratégias para abordar tal tema abarcam a compreensão das experiências dos adolescentes acerca da sexualidade por meio do estímulo à autonomia, do acolhimento da demanda espontânea, das consultas de enfermagem, dos grupos educativos e da abordagem no contexto escolar.

**Conclusão:** os profissionais necessitam atuar na promoção da saúde sexual e reprodutiva e identificar os problemas dessa população, conferindo-lhe visibilidade no serviço de saúde. É importante repensar as práticas junto ao adolescente, sendo necessário criar espaços apropriados e relacionar a família e a escola.

**Descritores:** Saúde do Adolescente; Saúde Sexual; Saúde Reprodutiva; Atenção Primária à Saúde; Enfermagem (fonte: DeCS, BIREME).

## Resumen

**Objetivo:** conocer cómo perciben y abordan la salud sexual y reproductiva de adolescentes los profesionales de enfermería en la atención primaria en salud.

**Materiales y métodos:** estudio cualitativo de tipo descriptivo, realizado en el primer semestre de 2018. Participaron nueve enfermeros relacionados con las Estrategias Salud de la Familia de un municipio del sur de Brasil. Se efectuaron entrevistas semiestructuradas y los datos se examinaron según el análisis de contenido temático.

**Resultados:** se evidenció que persiste una visión reducionista sobre salud sexual y reproductiva en la atención primaria en salud. Las estrategias para abordar este tema abarcan la comprensión de las experiencias de los adolescentes acerca de la sexualidad, por medio del estímulo a la autonomía, de la acogida de la demanda espontánea, de las consultas de enfermería, de los grupos educativos y del enfoque en el contexto escolar.

**Conclusión:** los profesionales sanitarios necesitan actuar en la promoción de la salud sexual y reproductiva e identificar los problemas de los adolescentes, dándoles visibilidad en el servicio de salud. Importante repensar las prácticas junto al adolescente, siendo menester crear espacios apropiados y relacionar a la familia y la escuela.

**Descritores:** Salud del Adolescente; Salud Sexual; Salud Reproductiva; Atención Primaria de Salud; Enfermería (fuente: DeCS, BIREME).

## Abstract

**Objective:** to learn how nursing professionals perceive and approach the sexual and reproductive health of adolescents in primary health care.

**Materials and methods:** qualitative study of descriptive type, carried out in the first semester of 2018. Nine nurses related to the Family Health Strategies of a municipality in southern Brazil participated. Semi-structured interviews were conducted and the data were examined according to the thematic content analysis.

**Results:** it was revealed that a reductionist vision on sexual and reproductive health persists in primary health care. Strategies to address this issue cover an understanding of adolescent experiences about sexuality, through encouragement to autonomy, acceptance of spontaneous demand, nursing consultations, educational groups and focus on the school context.

**Conclusion:** health professionals need to act in the promotion of sexual and reproductive health, and identify adolescent problems, giving them visibility in the health service. It is important to rethink practices with the adolescent, being necessary to create appropriate spaces and connect family and school.

**Descriptors:** Adolescent Health; Sexual Health; Reproductive Health; Primary Health Care; Nursing (source: DeCS, BIREME).

## Introdução

A adolescência é delimitada por um marco etário e biológico, sendo construída conforme relações entre gerações e concepções sociais. Nesta etapa, evidenciam-se impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e seus esforços para corresponder às expectativas culturais (1).

Em 2017, o Ministério da Saúde, no Brasil, lançou um documento visando ampliar a inserção dos adolescentes na Atenção Primária à Saúde (APS), propondo a atuação dos profissionais no cuidado à saúde, hábitos saudáveis e aspectos clínicos. Quanto a estes últimos, objetivava implementar ações direcionadas à sexualidade, consulta ginecológica, planejamento reprodutivo, anticoncepção de emergência, gravidez e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) (2).

A sexualidade é um aspecto fundamental no desenvolvimento humano, envolve práticas e experiências relacionadas à satisfação, afetividade, prazer, sentimentos e saúde (1). Tais experiências variam segundo contextos temporais, sociais e geracionais, construindo a identidade adolescente. No entanto, em muitas sociedades, suas experiências são censuradas e limitadas por tabus, preconceitos e relações de poder (3).

O campo da saúde sexual e reprodutiva na adolescência precisa associar-se a noções ampliadas de saúde. No que se refere à saúde sexual, esta se trata do bem-estar físico, emocional e social em relação à sexualidade e não apenas à ausência de doenças/disfunções (4). Já a saúde reprodutiva é compreendida como o bem-estar das funções reprodutivas. Sua assistência inclui métodos, técnicas e serviços para escolhas reprodutivas, prevenção e resolução de problemas (4).

Com base nestas conceituações, compreende-se que a garantia dos direitos sexuais e reprodutivos dos adolescentes constitui uma das ações prioritárias da APS (5), sendo a Estratégia Saúde da Família (ESF) um modelo de atenção para a promoção da saúde deles (6). Porém, evidencia-se a falta de ações específicas para esta população nos serviços de saúde, o que impõe uma barreira para o seu acesso (6). Ainda, percebe-se que não há acompanhamento do desenvolvimento dos adolescentes, mas aten-

dimentos pontuais no adoecimento ou gravidez, apontando o seu distanciamento dos profissionais e dos serviços (6).

Um estudo evidenciou que a APS, como estratégia para a efetivação da saúde sexual e reprodutiva, é incipiente e insuficiente (7). Destaca-se que os adolescentes são vulneráveis a agravos na saúde devido a seus hábitos e comportamentos. No que se refere às IST, no contexto brasileiro, na faixa etária dos 10 aos 19 anos foram notificados, no período de 1980 a 2018, um total de 22.416 casos de adolescentes vivendo com Vírus da Imunodeficiência Humana, reiterando a juvenização da epidemia (8). Quanto às demais IST, uma pesquisa sinalizou que clamídia, gonorréia e sífilis são as mais comuns nos jovens (9).

No que tange à gravidez na adolescência, nos países de baixa e média renda, estima-se que cerca de 21 milhões de meninas adolescentes entre 15 e 19 anos engravidem e cerca de 16 milhões tem partos anualmente (10). Um estudo da Turquia evidenciou que a gravidez na adolescência pode acarretar aborto, parto prematuro, baixo peso ao nascer e maior taxa de cesariana (11).

Assim, no cenário APS, conhecer as experiências do adolescente acerca da sexualidade a partir dele mesmo, implica, para os enfermeiros, desafios para compreender tais aspectos e, a partir disso, aplicar as políticas existentes. Nessa perspectiva, um estudo realizado na Ásia sugere que os profissionais da saúde devem realizar programas de educação em saúde sexual e reprodutiva junto às escolas e famílias dos adolescentes, ampliando a rede de comunicação e os conhecimentos acerca de temas que perpassam as experiências dessa população (12).

Com o intento de identificar a produção científica acerca da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes, realizou-se uma busca na literatura nacional e internacional. As produções tratavam, especialmente, da prevenção de IST e de gravidez indesejada (5, 9, 13-16), dos comportamentos sexuais (3, 17, 18), da sexualidade no contexto escolar e familiar (12), da promoção da educação em saúde (19) e do uso de tecnologias para a abordagem do tema (20). Diante disso, evidencia-se que estudos voltados à temática são incipientes nas ciências da saúde e, especialmente, na enfermagem, justificando maiores investimentos em pesquisas na temática.

Este estudo buscará responder ao questionamento: de que forma os enfermeiros na APS percebem

e abordam a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes? Para tanto, objetivou conhecer como é percebida e abordada, a saúde sexual e reprodutiva de adolescentes pelos enfermeiros na APS.

## Materiais e métodos

Pesquisa qualitativa, descritiva, realizada em unidades de ESF de um município do Rio Grande do Sul, Brasil, no primeiro semestre de 2018. Justifica-se a escolha pelo método qualitativo, pois este possibilita desvelar as significações que os indivíduos atribuem às suas experiências e a forma como compreendem o mundo (21). O cenário é justificado pelo fato de que essas unidades são a porta de entrada para os adolescentes que necessitam de atendimento pelo Sistema Único de Saúde.

Os participantes foram nove enfermeiros. A definição do número de participantes seguiu a orientação de que quando a amostra é ideal, esta reflete as múltiplas dimensões de determinado fenômeno (22). Como critério de inclusão foi considerado: estar alocado na ESF há mais de seis meses, o que proporcionaria tempo para o conhecimento da população da área adstrita. Foram excluídos enfermeiros alocados em ESF da área rural, pela dificuldade de acesso.

Os participantes foram oito mulheres e um homem, com idade entre 32 e 54 anos. O tempo de experiência profissional foi de dois a 19 anos. Já o tempo de atuação em unidades de saúde foi de um e meio a 17 anos. Quanto à pós-graduação *latu sensu*, a maioria referiu ter e/ou estar em andamento, sendo a especialização em saúde da família a mais citada (quatro).

A fase de aproximação dos participantes teve duração de três meses e ocorreu por meio de um encontro prévio para a apresentação do projeto de pesquisa, seus objetivos e metodologia. Nesse encontro, os profissionais interessados em participar esclareceram suas dúvidas e foi agendada uma data para a realização da entrevista, conforme a disponibilidade de cada um.

Para a coleta de dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas. Foi elaborado um roteiro semiestruturado com dados sociodemográficos e questões norteadoras. As entrevistas tiveram uma duração de aproximadamente 30 minutos, foram gravadas (áudio) e realizadas nas próprias ESF em que os enfermeiros trabalhavam. A coleta

das informações foi conduzida pelo pesquisador responsável e desenvolvida em uma sala apropriada em termos de privacidade e confidencialidade.

Para a análise dos dados, adotou-se a proposta operativa de Minayo (22), composta por três fases (Quadro 1).

### Quadro 1. Processo de análise de dados

<b>Pré-análise</b>	Transcrição dos dados de modo literal. Escuta das gravações e leitura flutuante, emergindo as impressões iniciais. Sequência de leituras exaustivas, destaque dos trechos das falas dos participantes com cores diferentes, a partir das ideias semelhantes. Constituição do material para análise mais aprofundada.
<b>Exploração do material</b>	Recorte de informações comuns presentes no conteúdo e enumeração dos núcleos de sentido (palavras, frases e expressões que deram significado ao conteúdo das falas). Agrupamento dos núcleos de sentido para a constituição das categorias.
<b>Tratamento dos resultados obtidos e interpretação</b>	Proposição de inferências e interpretações com cotejamento da literatura nacional e internacional.

Fonte: (21).

A pesquisa seguiu os preceitos da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo nº. 72631317.1.0000.5323. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados pelo código E, de enfermeiro, seguido por numeração conforme ordem das entrevistas.

## Resultados

Da análise dos dados, emergiram duas categorias: *Percepções acerca da saúde sexual e reprodutiva na adolescência* e a *Abordagem da saúde sexual e reprodutiva com adolescentes na atenção primária à saúde*. A primeira categoria diz respeito a como os enfermeiros entendem a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes em duas perspectivas, sendo uma mais voltada para as questões biológicas e a outra para a promoção da saúde. Já a segunda refere-se à forma e os espaços em que essas duas perspectivas podem ser abordadas. Neste sentido, os participantes destacaram a importância de proporcionar autonomia aos adolescentes nas consultas de enfermagem, nos grupos de educação em saúde e nas escolas.

### **Percepções acerca da saúde sexual e reprodutiva na adolescência**

Os depoimentos apontaram questões biológicas sobre a saúde sexual e reprodutiva na adolescên-

cia, como o uso de preservativo e da pílula anticoncepcional e a prevenção de IST e da gravidez.

Penso em educação em saúde para prevenção, uma vez que está cada dia mais precoce o início da vida sexual, gravidez e doenças sexuais [E1].

Me remeto a planejamento familiar, unindo contracepção e orientação para prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis [E5].

Na minha concepção, na adolescência, estes conceitos partem da transformação dos caracteres secundários sexuais [E4].

Nesta fase, os adolescentes precisam ser alertados sobre a prevenção da gravidez [E6].

Visualizam-se limitações de entendimento dos informantes quanto à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. Isso se deve ao fato de que não citam o exercício da sexualidade humana, o autocuidado, as questões psicológicas e socioculturais, ou seja, não há uma abordagem holística do cuidado e da educação sexual e reprodutiva.

O enfermeiro, como profissional da APS, precisa desempenhar um papel de facilitador para os adolescentes. Nesse sentido, deve buscar compreender o contexto em que eles estão inseridos, pensando em estratégias que os aproximem do serviço para que percebam a necessidade do autoconhecimento e autocuidado de modo a expressarem os seus potenciais quanto à saúde sexual e reprodutiva.

Outros participantes, por sua vez, apresentaram percepções que superam as questões biológicas, contemplando a necessidade de informações e esclarecimentos de dúvidas relacionadas a essa fase e ao cuidado de si, na direção da promoção da saúde.

Durante a consulta, devemos orientar aspectos relacionados

ao autocuidado, sexualidade e prevenção de doenças [E2].

Estes conceitos estão relacionados com a necessidade de informar e esclarecer os adolescentes, reforçar a promoção da saúde [E8].

Tem a ver com atenção com seu corpo, sua saúde e prevenção de doenças. Cuidados e amor consigo mesmo [E7].

Se relaciona com o início da sexualidade; nesta fase surgem as dúvidas sobre questões familiares, religião, primeira relação sexual [E9].

Percebe-se que esses participantes consideram as questões psicossomáticas, religiosas e familiares, em busca da integralidade da atenção e promoção da saúde. Por meio delas, o enfermeiro da APS, poderá estabelecer vínculos com os adolescentes, entendendo a saúde sexual e reprodutiva para além dos aspectos biológicos, mas como uma construção sociocultural.

### **Abordagem da saúde sexual e reprodutiva com adolescentes na atenção primária à saúde**

Segundo os enfermeiros, a sexualidade é um dos domínios que incitam os adolescentes à autonomia individual, devendo as orientações voltar-se a estimular tal aprendizado.

Considero necessário o adolescente compreender que precisa ter responsabilidade e consciência sobre suas ações, nosso trabalho deve ser nesse sentido [E1].

O adolescente precisa ter autonomia de decisão para determinar quando acha que está preparado para viver as questões da sexua-



lidade. [...] Ele precisa se sentir seguro com suas escolhas [E2].

Acredito que seja de suma importância conhecer as mudanças do corpo e entender sobre sexualidade, para ter autonomia e responsabilidade sobre as suas escolhas e as consequências delas [E4].

Reforça-se que o aconselhamento é um dos componentes da atividade educativa na APS, devendo ancorar-se em abordagens problematizadoras. Estas precisam contemplar o contexto em que os adolescentes vivem, de maneira que eles sejam participantes de todo o processo de promoção à sua saúde sexual e reprodutiva. No entanto, é necessário atentar para que os adolescentes não sejam responsabilizados ou culpabilizados sobre suas escolhas. O papel do enfermeiro é auxiliar o adolescente a tomar decisões conscientes, baseadas em informações claras, levando em consideração a situação que está vivenciando, seus sentimentos e necessidades, de modo que possa desfrutar com autonomia e segurança a sua sexualidade.

Dentre as abordagens para tratar da saúde sexual e reprodutiva, os participantes ressaltaram como significativa a realização de grupos de educação em saúde. A consulta de enfermagem também foi percebida como espaço oportuno para tratar deste tema.

Acredito que a melhor forma de abordar este tema seria de maneira explicativa, com uso de grupos de educação em saúde. [...] Nos grupos podemos estimular que os adolescentes compartilhem experiências sobre a sexualidade [E1].

A utilização de dinâmicas em grupos proporcionaria um ambiente confortável, estabelecendo vínculos e diminuindo a vergonha sobre o assunto [E7].

Jogos didáticos, grupos, conversas e dinâmicas envolvendo o

tema farão com que este adolescente confie no profissional, facilitando a formação de vínculos [E9].

Poderiam ser realizados grupos, mas, também, consultas de enfermagem para haver a continuidade do cuidado e mais esclarecimentos sobre as necessidades de cada um [E5].

Para que a educação em saúde aconteça no cuidado ao adolescente, o enfermeiro precisa ampliar suas intervenções na realidade de saúde, alicerçando sua prática não apenas no conhecimento instrumental, mas, fundamentalmente, no relacional, o que pode se dar por meio dos grupos de educação em saúde. Ainda, a consulta de enfermagem, como um espaço individual na relação enfermeiro-adolescente, constitui um espaço potente para o esclarecimento de dúvidas, especialmente, para aqueles que se sentem envergonhados na abordagem grupal.

Alguns profissionais citaram que a abordagem do tema na escola é uma estratégia que pode influenciar o aprendizado e as experiências no campo da sexualidade, dependendo do modo como a temática for tratada.

Acho importante ter uma conversa clara e direta dentro da unidade de saúde, mas temos atendimentos nas escolas, onde esta temática pode ser abordada de maneira explicativa, utilizando rodas de conversa [E3].

Na escola se cria um ambiente mais dinâmico, onde os adolescentes podem se sentir à vontade para trazer suas dúvidas. Então, eu acho que os profissionais de saúde, precisam trabalhar junto com as escolas [E2].

Em relação aos caminhos para abordar a saúde do adolescente,

veja as ações educativas na escola como uma das melhores estratégias para estabelecer o vínculo [E6].

A enfermagem tem como objetivo assistir os adolescentes de forma global e, para tal, torna-se necessário ter outros espaços além da APS, como as escolas. Nestas, o enfermeiro poderá abordar, individual ou coletivamente, conhecimentos específicos sobre a saúde sexual e reprodutiva, utilizando estratégias criativas para o esclarecimento de dúvidas e anseios dos adolescentes.

## Discussão

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano que apresenta mudanças e particularidades intensas, que influenciam a vida do adolescente e sua família tanto nos âmbitos físico, emocional quanto social (23). Cabe destacar que diante dessas mudanças, ocorre uma profunda transformação corporal, alinhando-se com a percepção dos enfermeiros quando se referem ao uso do contraceptivo, cuidados com IST e gestação precoce. Um estudo iraniano sinaliza que adolescentes, famílias e professores necessitam de maior apoio educacional sobre a puberdade (15).

Os adolescentes experienciam muitas barreiras relacionadas às questões reprodutivas e sexuais, isso foi identificado em um estudo realizado em Chicago, que revelou que eles possuem interesse em aprender sobre o assunto (13). Apesar disso, pouco se fala das experiências positivas relacionadas à sexualidade, como a possibilidade de estímulo à autonomia do adolescente, de sua dimensão amorosa e de aprendizado nas relações (1). Ademais, a ausência dos adolescentes nas unidades de saúde pode estar associada à compreensão deles de que a presença no serviço é necessária apenas em situações de adoecimento (14).

Um estudo que buscou conhecer as percepções de profissionais de enfermagem acerca do aconselhamento reprodutivo apontou que estes deram relevância à contracepção, atenuando outros aspectos que compõem a temática (24). Contudo, cabe ao enfermeiro e aos demais profissionais da saúde observarem as necessidades ampliadas da saúde dos adolescentes. A enfermagem precisa desenvolver um referencial para abordar as questões da sexualidade com essa população de modo que sua atuação esteja baseada em evidências e que

a saúde sexual e reprodutiva sejam percebidas como uma questão de saúde e, também, de direitos humanos fundamentais (25-27).

A abordagem do tema, tanto na consulta clínica quanto nos grupos de educação em saúde, limita-se, geralmente, à dimensão do fisiológico, perpassando as questões corporais e as funções reprodutivas, sem espaço para questões complexas como direitos sexuais e reprodutivos, gênero e sexualidade (7, 24). Na direção desses direitos, a Organização Mundial da Saúde elaborou recomendações aos adolescentes acerca deles, responsabilizando famílias, professores, trabalhadores da saúde e líderes comunitários para sua garantia (28). Para tanto, as intervenções na APS precisam voltar-se para questões psicológicas, familiares, religiosas e culturais, o que é necessário para um cuidado holístico do adolescente (29).

Um estudo realizado na África, visando explorar as percepções dos enfermeiros sobre as barreiras e necessidades das meninas adolescentes de utilizar os serviços de saúde sexual e reprodutiva, concluiu que estes profissionais estão dispostos a oferecer tais serviços (30). No entanto, entendem certos comportamentos das adolescentes como irresponsáveis. Destaca-se que tal entendimento pode comprometer, ainda mais, o acesso e a utilização dos serviços de saúde pelo público jovem.

No que tange ao Brasil, por meio dos programas e políticas públicas, tem-se buscado reconhecer os adolescentes como sujeitos de direitos e autônomos, protegendo-os de julgamentos ou discriminação. Dentre estes programas, cita-se o Programa Saúde do Adolescente (1989), no qual uma das áreas prioritárias era a saúde sexual e reprodutiva, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que assegura o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção e recuperação da saúde das crianças e dos adolescentes (2). Já em 2007, criou-se a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens (2) a qual reconhece que adolescentes e jovens exigem atenção especial do conjunto integrado de suas necessidades físicas, emocionais, psicológicas, cognitivas, espirituais e sociais.

Além dos serviços de saúde, a escola constitui um locus privilegiado para a circulação das informações acerca da saúde sexual e reprodutiva, sendo um espaço importante para a sua reflexão e discussão. Neste espaço podem ser desenvolvidos projetos educativo-preventivos que diminuam

as situações de vulnerabilidade dos adolescentes. Uma pesquisa realizada na Índia, acerca do conhecimento de estudantes sobre educação sexual, sugere que esta necessita ser introduzida no currículo escolar (31).

Os adolescentes precisam se empoderar do cuidado com a sua saúde sexual e reprodutiva, para tanto é necessário o auxílio dos serviços de saúde, das instituições educacionais e da interação entre adolescente e família (32). Embora nos primeiros contatos dos adolescentes com os serviços de saúde eles possam encontrar-se envergonhados e preocupados, isso pode ser superado com o estabelecimento de vínculo, confiança e relações respeitadas e acolhedoras.

Este estudo apresenta como implicações para a prática, a possibilidade de fortalecimento das abordagens de cuidado e da promoção à saúde para o adolescente ter suas demandas acolhidas efetivamente na APS. Assim, recomendam-se pesquisas que envolvam escolas, serviços de saúde, famílias e adolescentes. Tem-se como limitação do estudo a peculiaridade da temática permeada por mitos e tabus socialmente construídos, o que se intensifica com os adolescentes que estão experienciando mudanças em suas vidas geradoras de vergonhas e ansiedade sobre a sexualidade.

## Conclusões

O estudo permitiu conhecer as percepções dos enfermeiros atuantes na APS acerca da saúde sexual e reprodutiva na adolescência, assim como propor possíveis estratégias para a abordagem deste tema no referido contexto de atuação.

Observa-se que persiste uma visão reducionista acerca da saúde sexual e reprodutiva nesta fase da vida, relacionada com o fator de risco para a vivência da sexualidade, direcionada para a prevenção de doenças e de gravidez indesejada. Contudo, para alguns participantes, este tema precisa ser tratado em um patamar que vai além da genitalidade, envolvendo questões com o corpo, cuidado de si, relações familiares e religiosidade.

A abordagem do tema apresenta ainda muitos desafios, no entanto essa pesquisa mostra algumas possibilidades para minimizá-los e potencializar estratégias, como o desenvolvimento de grupos. Também, sinaliza o desenvolvimento de consultas de enfermagem para atender às demandas individuais do

adolescente. Ademais, os profissionais assinalaram que é preciso valorizar a articulação entre os serviços de APS, escola e família. Diante do exposto, os enfermeiros precisam estabelecer canais de comunicação sobre as questões que perpassam a saúde sexual e reprodutiva com as demais instâncias envolvidas no cuidado e educação dos adolescentes.

## Apoio Financeiro

Este estudo não recebeu apoio financeiro

## Referências

- (1) Nothhaft SCS, Zanatta EA, Brumm MLB, Galli KSB, Erdtmann BK, Buss E *et al.* Educators' perspective on adolescent sexuality: possible education practices. *Rev Min Enferm.* 2014;18(2):290-4. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20140022>
- (2) Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2rrrHJC>
- (3) Brêtas JRS, Moraes SP, Zanatta LF. Sexuality and youth: experiences and repercussions. *Alteridad.* 2018;2(13):192-203. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.17163/alt.v13n2.2018.03>
- (4) Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde sexual e saúde reprodutiva. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2XPGWbb>
- (5) Luiz MS, Nakano AR, Bonan C. Planejamento reprodutivo na clínica da família de um Teias: condições facilitadoras e limites à assistência. *Saúde Debate.* 2015;39(106):671-82. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-110420151060003009>
- (6) Vieira RP, Gomes SHP, Machado MFAS, Bezerra IMP, Machado CA. Participation of adolescents in the Family Health Strategy from the theoretical-methodological structure of an enabler to participation. *Rev Latinoam Enferm.* 2014;22(2):309-16. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-1169.3182.2417>
- (7) Nasser MA, Nemes MIB, Andrade MC, Prado RR, Castanheira ERL. Assessment in the primary care of the State of São Paulo, Brazil: incipient actions in sexual and reproductive health. *Rev Saúde Pública.* 2017;51(12):51-77. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2017051006711>



- (8) Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância. Prevenção e controle das infecções sexualmente transmissíveis, do HIV/Aids e das hepatites virais. Boletim Epidemiológico: HIV Aids 2018. Brasília: Ministério da Saúde; 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>
- (9) Tingey L, Chambers R, Rosenstock S, Lee A, Goklish N, Larzelere F. The impact of a sexual and reproductive health intervention for American indian adolescents on predictors of condom use intention. *J Adolesc Health*. 2017;60(3):284-91. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.08.025>
- (10) World Health Organization. Adolescent pregnancy. Geneva: World Health Organization; 2018. Disponível em: <http://who.int/mediacentre/factsheets/fs364/en/>
- (11) Karataşlı V, Kanmaz AG, İnan AH, Budak A, Beyan E. Maternal and neonatal outcomes of adolescent pregnancy. *J Gynecol Obstet Hum Reprod*. 2019;48(5):347-50. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jogoh.2019.02.011>
- (12) Noe MTN, Saw YM, Soe PP, Khaing M, Saw TN, Hamajima N et al. Barriers between mothers and their adolescent daughters with regards to sexual and reproductive health communication in Taunggyi township, Myanmar: what factors play important roles? *PLoS ONE*. 2018;13(12):e0208849. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0208849>
- (13) Stefansson LS, Webb ME, Hebert LE, Masinter L, Gilliam ML. MOBILE-izing adolescent sexual and reproductive health care: a pilot study using a mobile health unit in Chicago. *J Sch Health*. 2018;88(3):208-16. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1111/josh.12598>
- (14) Aguiar FAR, Dourado JVL, Paula PHA, Menezes RSP, Lima TC. Experience of pregnancy among pregnant teenagers. *J Nurs UFPE On Line*. 2018;12(7):1986-96. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i7a236243p1986-1996-2018>
- (15) Shakour M, Salehi K, Yamani N. Reproductive health need assessment of adolescent boys and girls during puberty: a qualitative study. *Int J Pediatr*. 2018;6(9):8195-205. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.22038/ijp.2018.29648.2602>
- (16) Charlton BM, Hatzenbuehler ML, Jun HJ, Sarda V, Gordona AR, Raifmang JRG et al. Structural stigma and sexual orientation-related reproductive health disparities in a longitudinal cohort study of female adolescents. *J Adolesc*. 2019;74:183-7. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.06.008>
- (17) O'Connor M, Rawstorne P, Iniakwala D, Razee H. Fijian adolescent emotional well-being and sexual and reproductive health-seeking behaviours. *Sex Res Social Policy*. 2019;16:373-84. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1007/s13178-018-0360-y>
- (18) Asrese K, Mekonnen A. Social network correlates of risky sexual behavior among adolescents in Bahir Dar and Mecha districts, North West Ethiopia: an institution-based study. *Reprod Health*. 2018;15(1):61-8. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1186/s12978-018-0505-8>
- (19) Chandra-Mouli V, Plesons M, Hadi S, Baig Q, Lang I. Building support for adolescent sexuality and reproductive health education and responding to resistance in conservative contexts: cases from Pakistan. *Glob Health Sci Pract*. 2018;6(1):128-36. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.9745/GHSP-D-17-00285>
- (20) L'Engle KL, Mangone ER, Parcesepe AM, Agarwal S, Ippoliti NB. Mobile phone interventions for adolescent sexual and reproductive health: a systematic review. *Pediatrics*. 2016;138(3):e20160884. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2016-0884>
- (21) Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14.ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.
- (22) Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*. 2017;5(7):1-12. Disponível em: <https://editora.seppq.org.br/index.php/rpq/article/view/82/59>
- (23) Szabo MK. Representations of the family system in childhood and adolescent. *European Psychiatry*. 2015;30(Suppl1):1215. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0924-9338\(15\)30955-X](https://doi.org/10.1016/S0924-9338(15)30955-X)
- (24) Strefling ISS, Lunardi Filho WD, Kerber NPC, Soares MC, Ribeiro JP. Nursing perceptions about abortion management and care: a qualitative study. *Texto & Contexto Enferm*. 2015;24(3):784-91. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072015000940014>
- (25) Martins CBG, Souza SPS. Adolescente e sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. *Av Enferm*. 2013;31(1):170-6. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/aven/v31n1/v31n1a16.pdf>
- (26) Maria DS, Guilamo-Ramos V, Jemmott LS, Derouin A, Villarruel A. Nurses on the front lines: improving adolescent sexual and reproductive health across health care settings. *Am J Nurs*. 2017;117(1):42-51. Disponível em: DOI: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5513155/>
- (27) Chandra-Mouli V, Svanemyr J, Amin A, Fogstad H, Say L, Girard F, Temmerman M. Twenty years after International Conference on Population and Development: where are we with adolescent sexual and reproductive health and rights? *J Adolesc Health*. 2015;56(1):S1-S6. Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.09.015>
- (28) World Health Organization. WHO recommendations on adolescent sexual and reproductive health and rights. Department of Reproductive Health and Research. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/34oqJfK>

(29) Kar SK, Choudhury A, Singh AP. Understanding normal development of adolescent sexuality: a bumpy ride. *J Hum Reprod Sci.* 2015;8(2):70-4. Disponível em: <http://doi.org/10.4103/0974-1208.158594>

(30) Jonas K, Roman N, Reddy P, Krumeichf A, Borne BVD, Crutzen R. Nurses' perceptions of adolescents accessing and utilizing sexual and reproductive health-care services in Cape Town, South Africa: a qualitative study. *Int J Nurs Stud.* 2019;97:84-93. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijnurstu.2019.05.008>

(31) Kumar R, Goyal A, Singh P, Bhardwaj A, Mittal A, Yadav SS. Knowledge attitude and perception of sex education among school going adolescents in Ambala district, Haryana, India: a cross-sectional study. *J Clin Diagn Res.* 2017;11(3):Lc01-Lc04. Disponível em: DOI: <http://doi.org/10.7860/JCDR/2017/19290.9338>

(32) Alimoradi Z, Kariman N, Simbar M, Ahmadi F. Empowerment of adolescent girls for sexual and reproductive health care: a qualitative study. *Afr. J. Reprod. Health.* 2017;21(4):80-92. Disponível em: DOI: <http://doi.org/10.29063/ajrh2017/v21i4.9>